

Produção de Conhecimento: profanações do método na pesquisa

Organização:

Neuza M. F. Guareschi | Carolina dos Reis | Oriana H. Hadler



ABRAPSO EDITORA

Produção de Conhecimento: profanações do método na pesquisa

Organização

Neuza M. F. Guareschi
Carolina dos Reis
Oriana H. Hadler



ABRAPSO EDITORA
Porto Alegre
2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Produção de conhecimento [livro eletrônico] :
profanações do método na pesquisa / organização
Neuza M. F. Guareschi , Carolina dos Reis ,
Oriana H. Hadler. -- 1. ed. -- Florianópolis,
SC : ABRAPSO Editora, 2020.
PDF

ISBN 978-65-88473-04-7

1. Conhecimento 2. Informação 3. Metodologia 4.
Pesquisa científica 5. Psicologia I. Guareschi, Neuza
M. F. II. Reis, Carolina dos. III. Hadler, Oriana H.

20-52329

CDD-001.42

Índices para catálogo sistemático:

1. Pesquisa científica 001.42

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Arte da capa: Laura Schaefer. Escada, 2015.

Diagramação: Martina Hotzel

9

Por que escrevemos cartas? Possibilidades entre cuidar, pesquisar e escrever

Bruna Moraes Battistelli

Lílian Rodrigues da Cruz

É doente uma mente que pensa por fragmentos? Que os cola, que compete com a fala e com a escrita, e estas saem sempre derrotadas? Colagem, montagem, encaixe de escritos que aparentemente são desconexos (e podem até ser) na composição de mosaicos; sem margens, fronteiras, barreiras, bordas, molduras. Espaço-tempo que vaza, que ultrapassa, que implode, que mina, que contamina. Indeterminada e inadvertidamente diz não ao não (GUERRA FILHO, 2016, p.59).

Como contar uma pesquisa? Pergunta que nos orienta na construção de uma metodologia que chamamos carta-grafia. Escrita de cartas como meio de aproximação/encontro com os sujeitos que compõem nossa realidade de pesquisa. Escrita de cartas como uma política de texto embasada na preocupação com a produção de práticas de cuidado. Como dar forma a um pesquisar ético? Viver e pesquisar! Cuidar e acolher! Cuidar e pesquisar! Afirmar as cartas como metodologia de pesquisa para a Psicologia Social diz da indissociabilidade entre problema de pesquisa e metodologia. Neste ensaio cartográfico,

propomos o encontro entre sujeitos como Gilles Deleuze, Guimarães Rosa, Vinciane Despret e Walter Benjamin. A partir de uma pequena coleção de cartas, operando a construção do texto como fazemos com nossas pesquisas, apresentaremos nossa proposta metodológica inspirada na cartografia. Cartas que podem ser lidas na ordem em que aparecem no texto ou conforme o desejo e curiosidade da/do leitor/a. Uma aposta na montagem enquanto obra aberta. Assim, aquele que lê faz parte também da construção do texto. Uma proposta que tem como objetivo funcionar como um correio. Um correio de cartas que intentam mostrar como o pensamento das autoras funciona quanto ao tema de como constituir metodologias para a Psicologia Social.

O cuidado com as narrativas que nos vão sendo ofertadas faz com que o ato de narrar precise ser problematizado no próprio ato da narração. A escrita, nesse modo de produzir pesquisa, ganha importância e precisa ser constantemente indagada: escrever PARA transforma-se em escrever COM. Como cada narrativa foi sendo construída? *“Escrevi para você”*... A potência do escrever tomada na radicalidade do encontro, do endereçamento.

Uma metodologia que se alia com a cartografia e, pelo embrenhamento no território, se mistura, se in-munda (GOMES; MEHRY, 2014). O escritor-pesquisador de cartas, assim como o cartógrafo, precisa ser inundado por diversos materiais, e nossas correspondências adensam-se com a contribuição de escritores literários e artistas. A proposta é a composição delicada de narrativas pela produção de cartas; uma máquina que convida ao escrever: carta-grafias de pesquisa. Assumimos o risco: sabemos que a escrita ainda é privilégio de uma pequena parcela da população. Colocamos em questão a escrita como forma legitimada de produção de conhecimento. É possível uma produção escrita próxima da oral? Quem disse que a escrita acadêmica precisa ser pálida, insossa, sem vida? Como escrever com a vida como parceira? Como não apagar o vivido da pesquisa? Em tempos de exceção e situações limite, o pesquisador, como testemunha,

vai construindo pequenas possibilidades de resistência: é preciso acreditar no mundo (DELEUZE, 2013).

Cartas como pequenos objetos que ajudam a compor mundos e a entender como se constituem práticas de cuidado, implicadas na produção de um comum e de um tempo do cuidar. Cartas como um convite a pensarmos metodologias de pesquisa que acolham o outro como pesquisador que também produz conhecimento. Um formato tido como antiquado, quase em extinção, mas que vem ganhando sobrevida em alguns espaços, por sua forma delicada e pessoal. Flusser (2010) afirma que “reconheceremos o que teremos perdido com a folha de papel chamada ‘carta’: uma das últimas aberturas por meio das quais podíamos ter esperança de reconhecer o outro” (p. 169).

Na dissertação da primeira autora, orientada pela segunda, uma caixa-coleção-de-cartas se formou, com todo tipo de material entregue em envelopes, ou seja, em cartas. Uma coleção que contou com missivas de psicólogas, educadores, adolescentes, escritores, como Walter Benjamin, personagens ficcionais, etc. Um último correio que encerrou a troca de correspondências iniciada na pesquisa de campo em um serviço de acolhimento institucional de Porto Alegre. As cartas que escolhemos/escrevemos contam como pensamos as narrativas, as cartas e a pesquisa; juntas, ilustram como pensamos uma escrita fragmentada e cartográfica.

Carta 1 - Para Vinciane

Tudo bem? Espero que, ao receberes esta carta, tu estejas bem. Preciso conversar urgentemente sobre algumas questões, e me parece ser a pessoa apropriada para esta conversa. Escrevo de forma apressada, pois neste último ano abri muitas frentes de conversa. Tenho trocado cartas com algumas pessoas, umas mais formais que as outras, e às vezes misturo o que escrevo e me misturo ao que escrevo. Tomo a liberdade de te escrever neste tom mais informal. Preciso falar/escrever de duas questões que estão me incomodando/movimentando:

as emoções e o anonimato. Sobre as emoções na pesquisa ou a pesquisa das emoções, preciso elaborar um pouco melhor o que quero. Fico pensando se não tem a ver com o corpo que pesquisa...

Talvez eu tenha que te escrever outra carta, para que entendas o dilema no qual me encontro. Primeiro, vou falar do anonimato, questão mais urgente. Faço uma pesquisa sobre cuidado, crianças e adolescentes, e acolhimento institucional. Inventei de escrever para as pessoas. Escrever cartas durante as observações que realizava. Frequentei o abrigo um pouco mais de três meses, indo, em média, umas três/quatro horas por semana. Uma vez por semana. Durante as observações, com as conversas que tinha, ia escrevendo cartas para as pessoas (adultos, adolescentes e crianças).

Para minha surpresa, algumas pessoas me escreveram de volta. Parar para escrever; achei o máximo terem parado para me escrever. Recebi cartas por *e-mail*, cartas escritas à mão, conversas no banco do abrigo, desenhos, poesias, reflexões, questionamentos. Enfim, uma surpresa. Vou direto ao ponto: o que fazer com a questão do anonimato? Quando faz sentido manter o anonimato? Lendo teu texto “Leitura Etnopsicológica do Segredo”, publicado na *Revista Fractal* (2011), fiquei pensado que tu és a pessoa para tecer esta discussão. Em determinado momento do teu texto, surge: “eis o efeito das práticas sem nome: elas estão sempre correndo o risco de colocar as pessoas em situações em que elas têm pouca chance de serem interessantes, e pouca chance de ficarem interessadas.” (p.20).

Nas duas primeiras vezes que li teu texto, confesso que não me incomodei tanto com essa discussão, mas agora essa questão me pegou de jeito. Será que não temos interesse em manter as pessoas menos interessantes? A quem serve isso? Sinto que é preciso amortecer um pouco aquilo que surge, *amaciar* para levar para o mundo dos acadêmicos. A dureza por vezes assusta. Em outro momento do mesmo texto, tu trazes a questão do profano, dizes que “ignorância e anonimato se constituem em relação com o profano” (p.24), atualizando a assimetria entre o *expert* e o profano. Qual o medo desses

saberes práticos? O povo com o qual tive contato vivia me repetindo que o lema de trabalho era fazer fazendo... Em anexo, te mando uma das cartas que recebi. Acho que tu vais gostar do que me disseram...

Tu discutes esta relação de assimetria que é produzida e bem demarcada e do quanto a psicologia fez uso dela para “proteção”. As primeiras cartas que recebi neste processo de pesquisa diziam do papel da academia e do lugar da pesquisa. Foram feitas analogias importantes. O que fazer com o sentimento de apropriação? O próximo trecho é sensacional, preciso repeti-lo aqui, mesmo correndo o risco de tu ficares entediada com a repetição do que já conhece:

Essa proximidade vivida como ameaçadora, de *expertises*, de profissionais e de amadores, vai induzir uma resposta mais radical por parte dos psicólogos: dirigindo-se àqueles que eles interrogam de maneira a privá-los de toda a possibilidade de apelar a esse repertório de teorias que lhes poderiam ser comum (redefinida em certas circunstâncias como crenças ou representações), eles garantem efetivamente a estrita separação de saberes. Um procedimento pode garantir essa “purificação” ao definir o privilégio dos *expertises*: aquele que consiste em criar a assimetria entre o pesquisador e aquele que será chamado, termo que marca a assimetria, o “sujeito”. (DESPRET, 2011, p.24).

“Como o sujeito poderia tomar a posição em relação à questão já que ele a ignora?” (p.24). Correndo o risco de tu te cansares de mim, preciso continuar te trazendo as questões que em teu texto me provocam. Minha intenção, quando comecei esta pesquisa, da qual te falei brevemente, era colocar em questão essa assimetria, supondo que o sujeito do outro lado é também pesquisador, assim construindo uma cartografia com, e não uma cartografia do. Não sei se faço algum sentido. Gostaria de saber tua opinião e como poderia resolver esta questão. Tenho recorrido aos escritos do professor Émerson para trabalhar com estas situações. Caso tenhas algumas dicas de leitura, aceito de bom grado.

Acabo de achar alguns materiais interessantes teus, falando sobre narrativas, a partir do comentário que fizeste nos trabalhos de dois professores (uma, eu conheço; o outro, só de leitura). Não tive tempo para ler com calma, mas acredito que na próxima carta conseguirei agregar esta questão das narrativas. Vou alongar esta correspondência, mas preciso citar um trecho dos teus comentários que encontrei:

Como saímos desse impasse? Quando Ronald diz que o pesquisador é responsável pela pesquisa a fazer, de alguma forma é como se o pesquisador fosse uma etapa nessa construção, um mediador, um intercessor, um artista, entre uma verdade que está por fazer e todos os materiais que podem compor a verdade da vida das pessoas. Essa verdade não terá necessidade de ser repetida ou refutada, mas composta de outra forma, como nas narrativas trazidas pela Márcia. (DESPRET, 2011, p. 188).

Um abraço,
Bruna

PS: costumo ser relapsa com as referências que faço, usando-as um pouquinho e logo procurando outras. Assim, uma frase me salta aos olhos: como estranhar o familiar? Tu questionas... Um desafio que tive que sustentar ao longo da pesquisa... O que me era familiar foi ficando estranho, diferente, não usual... O abrigo foi se dobrando e desdobrando em múltiplas possibilidades...

Carta 2 - Para a moça das cartas

Ao receber esta, espero que esteja bem. Sigo pensando em cartas e não consigo encontrar interlocutora melhor para esta missiva. Peço desculpas pela erudição. Cartas não são pensadas para publicação, dirá Vilém Flusser (2010), mas eu insisto em publicizar as que escrevo. Ao longo da missiva, prometo explicar melhor. Por ora, sigamos.

Flusser (2010) afirma que “deve haver alguma coisa na escrita e na leitura de cartas que lhes permite sobreviver” (p.161). Mesmo quem nunca escreveu uma carta sabe como elas se parecem e o que precisamos para uma. Uma carta é uma conversa, um convite ao diálogo, uma promessa de encontro. Uma promessa que parte da espera. O tempo das cartas é outro. Enquanto lhe escrevo, você faz outras coisas. Enquanto espero sua escrita, faço eu outras coisas. “Cartas são coisas por que se espera – ou que chegam inesperadamente” (FLUSSER, 2010, p. 161). Para você ter ideia, este autor diz que esperar é uma categoria religiosa, que significa ter esperança. Espera, duração e outro tempo são constitutivos da correspondência. Outra temporalidade, que combina, assim, com meu objeto de pesquisa: cuidado. A correspondência enquanto um exercício de si. Como já lhe disse em outro momento, Michel Foucault (2012) afirma que a escrita de si se constitui como experiência, revelando os movimentos do pensamento, enquanto um exercício que deve ser compreendido como um treino de si por si mesmo. “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2012, p. 150). Além de um trabalho de si mesmo pela escrita, constitui-se também como certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros. Escolho as cartas como forma de narrar a pesquisa e modo de intervenção, pois elas tornam o/a escritor/a “presente” para aquele/a a quem ele/a as enviou. Uma corporificação que Foucault (2012) ilustra com um trecho de uma carta de Sêneca: “o traço de uma mão amiga, impresso sobre as páginas, assegura o que há de mais doce na presença: reencontrar” (p.152).

Cartas usuais, daquelas que antigamente se escreviam, não têm estas interrupções que faço e que você deve estranhar. Cara moça das cartas, faço outros usos para nossa correspondência. Mando para você ao mesmo tempo em que a coloco em um livro sobre metodologias para a Psicologia Social. Faço uso da missiva que lhe escrevo para mostrar como as cartas funcionam. Assim, alguns sujeitos interrompem

aquilo que vou escrevendo. Interrompem e irrompem; tento tecer um diálogo. Tomar a presença como um convite à conversa, no encontro, na relação: um ENTRE quem escreve e lê.

Moça das cartas, a você, que escreve cartas tão bonitas, sigo eu com esses que me acompanham. Sigo com a inspiração de uma escrita rizomática, de produzir uma escrita que cante (LINS, 2009). Para pensadores como Gilles Deleuze e Félix Guattari, escrever é sempre a partir de um eu acompanhado de uma multidão, nunca só. Num exercício de inventar mundos possíveis, não históricos e não arborescentes. Mundos possíveis, em que o pensamento consiga libertar a vida, um exercício de encantamento.

Assim, minha cara companheira de escrita, tomo as cartas como essa possibilidade de escrita que transborda além de forma de narrar, mas que ocupa espaço enquanto processo metodológico que se institui sempre no entre, na relação: eu que escrevo e aquele que lerá. Para encantar a vida e inventar mundos possíveis e novas possibilidades de vida, a escrita se constitui como variação contínua, sem princípio ou fim, sempre pelo meio; é pelo encontro, como uma conversa. Escrever-pensar-cuidar como parte de uma cartografia que transgride as normas acadêmicas usuais, abrindo espaço para a escrita informal, acolhendo os erros ortográficos, as pausas, as amenidades e todo o protocolo envolvido na arte de enviar cartas. Uma escrita composta por domínios heterogêneos: literatura, poesia, imagens, pinturas, filosofia, etc. Você mesma já me presenteou com poemas, trechos de músicas e uma série de desenhos e pinturas. Cartas, assim, podem acolher outros modos de expressão. Como você mesma me disse antes: escrever ainda é privilégio em um país tão desigual como o nosso. Em um território em que nem todo mundo lê e escreve, assumir as cartas como uma ferramenta de intervenção na pesquisa é correr riscos de exclusão. No mestrado da primeira autora, quando foi preciso escrever cartas com/para crianças pequenas que não tinham sido alfabetizadas, uma série de pactuações foram feitas. Cartas com desenhos, cartas que eram quebra-cabeças, cartas compostas por letras,

palavras e desenhos. Variavam conforme as demandas dos destinatários. Para aquele que não lê, outro precisa ocupar-se das palavras. Uma série de relações que se compôs em torno de uma carta. Um adulto, outra criança, um adolescente... Um composto heterogêneo e múltiplo pautado pela dialogicidade. Você, me acompanhando até aqui, deve estar se perguntando por que diabos lhe escrevi. Encerro por aqui e prometo que, na próxima carta, esclareço a questão da cartografia e cartografia.

Grande abraço,

B.

Carta 3 - O dia em que o Senhor W. se encontrou com Tecelina

Caro Senhor W.,

Cá estou eu novamente importunando-o. Devem estar chatos meus pedidos de desculpas e enrolações. Escrevo-lhe sobre uma pessoa com quem me encontrei. Em busca de pistas do que seria a tal de literatura/língua menor, encontro Tecelina. Foi na tese de doutorado da professora Betina, muito bem recomendada, por sinal. Deixo passar, de início. Não percebo a importância da referida senhora para nossa correspondência. Só me dei de conta relendo “O narrador”. Por sinal, que texto mais maravilhoso. Tirando o fato de que nunca tinha ouvido falar do Leskov, tudo de ótimo esse texto.

Preciso focar, recaio nas amenidades com muita facilidade. Preciso ser mais concisa, alguns me dizem. Dona Tecelina é daquele tipo narrado no seu texto: artesã profissional, a sujeita tece do avesso. Tecelina vem de uma família de tecedeiras... Mas, como aprendeu com seus pais, tece do avesso. A experiência que passa de pessoa a pessoa e que é a fonte da qual bebem os narradores, o senhor afirma no seu texto. Pois bem, Tecelina parece ser dessa parcela da população. Tece usando pedacinhos que sobravam de outros romances e peças, juntando com pedacinhos que ela achava (SOUZA, 2007). “O narrador retira da sua experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada

pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987b, p.201).

Tenha paciência comigo, pois ainda preciso recorrer a essas citações literais. Tome como prova de respeito à sua obra. Dialogar com quem lemos nos livros não é tarefa fácil. O professor Merhy, sujeito interessante, em uma de suas aulas, disse que com as citações temos dois caminhos: inventar a partir delas ou aderir à ideia que elas carregam. Enfim, voltando ao que gostaria de lhe contar.

Dona Tecelina parece se encaixar no cargo que o senhor colocou como em extinção no texto que citei acima. Vamos aos fatos:

- Dona Tecelina pouco ou quase nunca se preocupa com explicações. Diz que são sem graça e não deixam espaço para tecermos nossas ideias. Falando do seu tempo, o senhor nos diz que sua geração é pobre em fatos surpreendentes. Um parêntese: fico imaginando o que acha do meu tempo, do tempo do Facebook e desses aparatos tecnológicos.

- Conta histórias que deixam o sujeito-leitor livre para interpretar como quiser. O senhor mesmo diz que o ápice da narrativa é a abertura, ter um final que provoque múltiplas continuações e que não necessariamente seja verificável pela experiência.

- Para a tecelagem de Dona Tecelina funcionar, ela precisa de pessoas boas de ouvir. Espécie em extinção no mundo de hoje! Ouvidores precisam ser treinados, já diz um sujeito chamado Rubem Alves, que oferece um curso de Escutatória. Como o senhor diz, é preciso uma comunidade de ouvintes para que a arte de narrar não morra à míngua.

- Dona Tecelina tece, destece e retece. Se ela fosse afeita a livros, eu diria que ela andou lendo os seus. Ou que o senhor leu o da Gláucia sobre a história de Tecelina. “Contar histórias sempre foi a arte de contar e de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (BENJAMIN, 1987a, p.205). Tecer e ouvir histórias fazem par na construção da arte de narrar. A narrativa floresceu no meio artesão, o senhor afirma, constituindo-se, assim, numa forma artesanal de comunicação. É preciosa essa sua frase. Outro parêntese:

vou dizer que, se dona Tecelina não fosse meio que apaixonada por certo chinês, creio que vocês fariam um belo par.

- Dona Tecelina exerce trabalho manual, herdado de sua família. Outro destaque que o senhor pontua quando fala da sobrevivência das narrativas, sua ligação com o manual, com o ritmo de trabalho, com a rede em que se guarda o ato de narrar.

O que foi tecido é presente! ... O que foi tecido é passado! ... Foi então que eu vi o que era tecer em pedacinhos: era voltar e re-tecer, era pular pedaços, era contar os pontos e as palavras, e depois pular de propósito para poder recontar. (SOUZA, p. 21, 2007).

Fico lembrando que talvez outro sujeito com quem o senhor teria um bom encontro seria Deleuze. Se lhe interessar, trato desse senhor em outra carta. Seguimos com Dona Tecelina: imprime-se na narrativa a marca do narrador, o senhor afirma. Tecer e viver são sinônimos na família de Tecelina, não há um sem outro: tecer, retecer, destecer... Recontar – creio que é o que faz das narrativas uma obra artesanal. Glaucia, que foi contando a história de Tecelina de pouco em pouco, em um vai e vem, no final do livro, diz que, com o tempo, quase ninguém mais vai visitar Tecelina, mesmo quando ela faz chá. Duas são as hipóteses de Glaucia: ou as pessoas não gostam de chá, ou não têm tempo de sentar e ouvir histórias repetidas. O que aprendi com o senhor me faz suspeitar da segunda hipótese.

Ouvir é arte que se aprende, assim como tecer e narrar. Tecelina aprendeu a tecer com Tude e Técio, que aprenderam com muita gente... As melhores histórias não são as que podem ser abreviadas; é preciso espaço e tempo para que a narrativa se construa, ganhe força e seja passada adiante, em uma nova versão: “o que foi tecido é presente”, diziam as mulheres antes de Tecelina. “O que foi tecido é passado”, dizia Dona Tude, mãe de Tecelina. Modos de contar um passado em que não é necessário se preocupar com encadeamento

exato dos fatos, apenas com a maneira de sua inserção no fluxo das coisas (BENJAMIN, 1987b).

No texto sobre narrador, o senhor é bastante generoso quanto à relação entre memória e narrativa, mas o que me chama a atenção é o fato de que, no contexto de narrativas, experiência e memória, a potência está na possibilidade de construção de redes, em um encadeamento de histórias, marcadas pela lembrança de fatos difusos, sem o *a priori* de um fim (como no romance). E o que aconteceu depois? – pergunta plenamente justificada... Assim, sigo escrevendo esta dissertação.

Não fique bravo com as brincadeiras e com as citações de seus próprios textos. Estas últimas são sinal de respeito por sua obra.

Abraços,
Bruna

Carta 4 - Para a Senhora Vinciane

Agradeço imensamente pela resposta e pela rapidez com que respondeu minha carta. Uma pessoa como a senhora deve ter muitos compromissos, e encontrar tempo para responder as indagações de uma mestranda que a senhora nem conhece demonstra muita disponibilidade. Realmente, lhe agradeço. Fiquei muito curiosa quanto aos trabalhos da professora Márcia e do Senhor Ronald, mas no Google encontrei apenas seus comentários sobre o trabalho deles. Em outro texto, a professora Márcia, juntamente com outra autora, discute as relações entre as narrativas que construímos e o feminino na ciência. Ele conversa com a discussão sobre as narrativas e sobre como contar histórias é uma das formas de relatar a pesquisa.

Voltando à sua resposta: partir da ideia de que narrativas são criações é importante. Ainda tasteio quanto à temática das narrativas, são muitas perspectivas, que fizeram com que eu flertasse com diferentes autores. Em relação ao tema, a senhora me recoloca a pergunta: “Trata-se de perguntar se as narrativas são trabalhos científicos ou

obras artísticas?” (DESPRET, 2011, p.187). E eu penso: cartas que escrevemos são narrativas? As cartas que escrevemos (como esta) podem ser consideradas trabalhos científicos? Não sou bem entendida nas obras do Deleuze, mas me parece que, em alguns trabalhos, ele vai colocar uma questão próxima. Vem-me à mente o livro: *O que é a filosofia?* Não sei se a senhora conhece. Eu conheço e tenho medo. Pouco li, mas o que entendi é que tanto arte quanto ciência e filosofia são criadoras. A filosofia seria a que criaria conceitos. Arte e ciências criariam objetos. As narrativas poderiam operar como conceito? Um dispositivo de produção de mundos?

Uma proposição que li nos seus comentários e que a senhora retoma na sua carta diz respeito ao oferecido com as narrativas que produzimos nas nossas pesquisas. Preciso repetir suas palavras: “não poderemos jamais oferecer uma explicação. O que fazemos não é uma explicação, mas algo que acompanha. São narrativas que não podem explicar, mas que podem acompanhar” (DESPRET, 2011, p. 187). Narrativas que acompanham... O Senhor Walter (1987a) vai dizer que estamos pobres de histórias notáveis, sendo que nenhum evento nos chega sem estar impregnado de explicações. Para esse senhor, as explicações se unem à informação, desprivilegiando o relato. Agora me surge: será que não preciso relatar mais? Um relato além da descrição, privilegiando as narrativas como forma de articulação de inúmeros modos de viver.

Uma ideia interessante, principalmente pensando nas cartas que venho trocando na minha pesquisa. Mais do que explicar como o cuidado acontece, elas passaram a acompanhar... Vidas... Pessoas... Histórias... Uma política de Estado... Encontros... Cuidados... Acompanhar e performar uma ferramenta de cuidado.

“Com quem será preciso compor? O que entrará nesta composição?” (DESPRET, 2011, p.187), a senhora pergunta. Preciso lhe dizer que fico nervosa com essas novas aberturas, mas percebo o quanto elas são necessárias. Tenho conversado com o Senhor Walter, e ele tem me contado coisas interessantes sobre o processo de trabalho dele quanto

ao tema das narrativas, à questão da história e da memória. Ele parece estar um pouco triste com o que vem ocorrendo à sua volta, temo pela vida dele, a situação não anda fácil, e o clima político tem deixado o Senhor Walter mais preocupado do que de costume. Mas não quero incomodá-la com essas preocupações. Alguém escreveu sobre um tipo de escrita (ou seria um tipo de pesquisa?) que coloca vida e obra num mesmo plano de contágio. Refiro-me ao professor Luciano Bedin da Costa (2011), que fala dos biografemas e de como esse tipo de pesquisa “coloca vida e obra num mesmo plano, sabendo que o movimento de uma acabará por movimentar a outra” (p.132). O professor não é o primeiro a utilizar essa estratégia, mas se constitui referência quanto ao tema. Lembrei-me disso agora, pois fico pensando em como vida e obra vêm se confundindo para mim, enquanto leitora e escritora de uma pesquisa. Sujeitos com quem tive contato, com quem conversei, sobre cujas vidas li, ouvi histórias.

“Pesquisadores são como artistas!” Já ouvi isso de outras partes, mas, vindo da senhora, parece algo muito mais vivo. Mesmo que a senhora não tenha explicado muito esta questão. Talvez eu tenha que parar com os pedidos e desejo de explicação. Muito obrigada por frisar o seguinte trecho:

Vejo o artista como alguém que aprende a tornar belo, de certa forma é aquele que faz ver aquilo que todos sempre enxergaram, mas faz ver de outra forma, de maneira que pensamos não ter visto antes. E a verdade é que não vimos. E o pesquisador, finalmente, seria aquele que – assim como o artista aprende a tornar belo – aprende a tornar interessante. (DESPRET, 2011, p. 188).

Não sei como funciona na Bélgica a questão de crianças que, por algum motivo, não podem ficar com suas famílias. Li que, em alguns lugares na Europa, os governos estão utilizando o sistema de famílias acolhedoras. No Brasil, trabalhamos com a ideia de abrigos para crianças e adolescentes que precisam ser retirados de suas famílias. Explico-lhe isso, pois, falando em tornar interessante e belo, o tema

com o qual escolhi trabalhar é bastante controverso. Parece que só há uma possibilidade de fala sobre ele: como lugar ruim, que tolhe a vida alheia. Alguns colegas ficavam extremamente incomodados com o quanto os pesquisadores da Assistência Social falam dos seus temas. Não é belo, nem interessante falar de crianças e adolescentes que são retirados de suas famílias, de corpos pobres e da nossa implicação com estas questões. Assim como não parece nada belo falar dos trabalhadores que escolhem estar neste lugar.

Falando nisso, preciso retomar o que foi tema principal da minha outra carta. A senhora, como já previa, não me trouxe uma resposta. Produzi mais inquietações. O que quero com a discussão sobre o anonimato? O que esta discussão tem a ver com a minha pesquisa? Principalmente, a senhora me fez revisitar seu texto sobre o segredo (DESPRET, 2011). Não se trata de fazer denúncias, a senhora afirma, mas de buscar soluções para a pesquisa e a psicologia. Falando do que produz na sua prática, aponta: “exploro os dispositivos de encontro que distribuem a *expertise* e que criam o interesse” (p.25). E termina seu texto e também a carta com a provocação: “que valor poderia ter um saber se ele não agrega ao mundo e àqueles que o compõem, um pouco mais de interesse?” (p.25).

Em uma das únicas vezes em que surgiu a discussão quanto ao anonimato ou não na pesquisa, um texto me ajudou bastante. Não sei se a senhora conhece a autora, Katja M. Guenther, que, em um artigo de 2009, discute a ética de nomear pessoas, lugares, organizações. A autora complexifica ainda mais essa discussão e me faz pensar o que fazer com o que foi produzido na minha pesquisa. Nomear as crianças e adolescentes é impossível, e creio não ser necessário, mas fico pensando nos trabalhadores.

Ainda pretendo lhe falar das emoções na pesquisa...

Grande abraço,

Bruna

Carta 4 - Literatura Menor **“Línguas selvagens não podem ser domadas, elas podem apenas ser decepadas.”**

Caro senhor carteiro,

Ao receber esta, espero que esteja bem. Tenha paciência, que esta será das confusas... O que me pede movimenta medos e inibições de escrita...

“Nós vamos ter que fazer alguma coisa com a sua língua”, eu escutei a elevação raivosa na sua voz. Minha língua retém-se, empurrando pra fora os tufos de algodão, repelindo as brocas, as longas agulhas finas. “Eu nunca tinha visto nada tão forte ou tão resistente”, ele diz. E eu penso, como você doma uma língua selvagem, adestra-a para ficar quieta, como você a refreia e põe sela? Como você faz ela se submeter? “Quem disse que privar um povo de sua língua é menos violento do que guerrear?” (PINTO; SANTOS; VERAS, 2009, p.305).

Não creio que estamos lendo os mesmos livros! É muita coincidência. Uma mulher instigante é a Svetlana Aleksievitch. Uma autora-ouvido, como se autodenomina. Fiz uma série de anotações sobre os dois livros que li. “Como construir perspectivas alternativas sobre a produção de conhecimento sobre a ‘história do mundo’? Haverá só uma história ou o mundo está repleto de relatos, frequentemente contraditórios entre si?” (MENESES, 2008, p.1). Svetlana é uma dessas pessoas preocupadas com construir perspectivas outras sobre o mundo. Tanto ao longo de *Vozes de Tchernóbil* quanto em *A guerra não tem rosto de mulher*, são outras histórias que preocupam a autora. O preço: não ter seu livro publicado, ser perseguida por querer “destruir” a história da Segunda Guerra Mundial e o triunfo soviético. Mulheres não podiam ter sua versão contada. O silenciamento foi companheiro de milhares de mulheres por anos. Quando entrevistadas, os maridos e companheiros avisavam que elas não poderiam falar. Aquela não era a história da guerra. Assim inicio esta nossa carta,

divagando um pouco sobre esse texto que encontrei sobre domar a língua selvagem e a leitura que estamos realizando. Há histórias que não ganham espaço nos livros.

Nessa história de cartas, pesquisa, escrita e cuidado, outras formas de pensar a biografia se fazem necessárias. Uma invenção de procedimentos, uma caixa de ferramentas que vai se constituindo com o que pode fazer passar os afetos e dar corpo aos encontros. Assim vou associando: cartografia, narrativas, cartas, biografemas... Na outra carta que lhe enviei, contei que as crianças construíram uma oficina de fabricação de cartas. Outras ferramentas ganham força, escutar é uma delas. Aprender a escutar com outro repertório que não aquele com o qual iniciei este processo.

O senhor já deve estar cansado de me ouvir falar sobre o processo de pesquisa. Como me pediu, compartilho um pouco sobre o que seria uma literatura menor. Conforme lhe contei, tenho me arriscado por terras desconhecidas e fico um pouco insegura explorando alguns conceitos. No livro *A guerra não tem rosto de mulher*, a autora traz depoimentos que expressam um pouco do que estamos conversando:

[...] Servi como oficial do correio militar. Vi com meus olhos como as pessoas choravam e beijavam o envelope ao receber uma carta na linha de frente. Muitos tinham parentes que morreram ou que moravam em territórios ocupados pelo inimigo. Esses não podiam escrever. Então escrevíamos cartas da Desconhecida: ‘ Querido soldado, quem está lhe escrevendo é uma Moça Desconhecida. Como está combatendo o inimigo? Quando você volta com a Vitória? ‘. Passávamos noites escrevendo... Na guerra, escrevi centenas de cartas como essa...
Maria Alekséievna Remniova, segundo-subtenente, funcionária do correio. (ALEKSIÉVITCH, 2016b, p.218).

Escrevendo-lhe, fico pensando em como a leitura dos livros de Svetlana foram importantes durante o processo de escrita do projeto de dissertação e na inserção no abrigo como pesquisadora. Uma atenção

polifônica foi sendo construída... Com Deleuze e Guattari (2015), tenho me questionado: posso tomar as cartas trocadas no abrigo como produção de uma literatura menor? Um medo me toma em me aventurar com esses autores. Eles me parecem distantes. Tire-me o tapete. Parece que não os entendo, ou que me aproprio da forma que preciso, e não como eles explicaram. Os dois afirmam que “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (p.35). Depois, citam três características: a língua precisa ser afetada de um importante coeficiente de desterritorialização. Tudo nela é político. E tudo tem que tomar um valor coletivo. O gênero epistolar, por vezes, pode ser tomado como menor (de menor tamanho), assim como a literatura infantil, com a qual a professora Betina trabalhou em sua tese. Mas, para os dois autores citados, o menor é dimensionado não como denotando algo inferior, mas como potência e possibilidade de resistência (HILLESHEIM, 2006).

Sinto a necessidade de retroceder, precisamos conversar um pouco sobre cartas. Tenho lido um novo autor, que escreve sobre escrita. Um filósofo que veio para o Brasil com as confusões (se dá para assim chamar) da Segunda Guerra Mundial. Vilém Flusser é o nome dele. Interessante que, no texto sobre cartas, ele fala prioritariamente sobre a solenidade das cartas e a questão do mistério. Tenho que lhe dizer que ler esse texto me remeteu a alguns pontos da minha própria entrega de cartas e à última remessa que estou organizando. Cartas que, além do destinatário, serão lidas pela banca que fará a avaliação da minha dissertação. Confuso, não?

Faz tempo que venho tentando escrever sobre como as entregas de cartas foram interessantes. E agora, com o texto do Senhor Flusser, essa questão me é mais próxima. Fiz com as cartas aquilo que me parece um contrassenso: tornei-as públicas. Virolei o código milenar do gênero epistolar. Rompi com uma parte do mistério. Produzi fendas na caverna do mistério (FLUSSER, 2010). Na sua última correspondência, o senhor me pergunta por que não brinquei com

a ideia do carteiro, por que não radicalizei com a experiência. Assim, preciso lhe dizer duas coisas: uma, que sou tímida, e essa história mais teatral não é muito comigo; outra, que o correio é muito caro, assim, procedi com as entregas o máximo possível. Com as mais de 200 cartas escritas, parti para uma coleta de amostras, com o mundo como um mostruário, pensando em Deleuze (2011). O interesse em singularidades, partes notáveis e não totalizáveis. A experiência que sempre escapa... Tornar a língua convulsiva, gaguejar, é demais para sua cabeça, o senhor me diz. Fico feliz que não seja só comigo que essas coisas acontecem. Assim, arrisco pensar a escrita de cartas como enunciação coletiva de um povo menor que encontra expressão no escrito e por meio dele. Aonde isso vai chegar, já não sei...

Mudando e não mudando de assunto, o senhor me pergunta sobre contar histórias e construir narrativas, sobre como as pessoas fazem uso da língua para colocar em palavras suas experiências. Lembro-me de outro trecho do livro de Svetlana, em que a autora afirma: “as pessoas me recebem e narram de formas diferentes. Uma começam a contar imediatamente, já pelo telefone. [...] Outras postergam o encontro e a conversa por muito tempo.” (Aleksiévitch, 2016a, p. 144). Uma enfermeira-instrutora (no mesmo livro) afirma que é preciso um poeta para contar aquilo para o qual ela não consegue encontrar as palavras, um poeta que nem o Dante.

Tenho conversado com um senhor que, por um tempo, se preocupou com a questão da experiência, da narrativa e do narrador: o Senhor Walter Benjamin. A Andréia Meinerz, em 2008, escreveu que a crítica deste se referia a um processo de estreitamento da experiência na modernidade. Estaria em voga uma experiência diminuída, que não mais se pauta no coletivo, na comunidade, na sociedade como um todo. Ela aponta que

A experiência se torna ínfima nas sociedades modernas, onde as pessoas vivem cada uma do seu jeito, atomizadas em seus pequenos mundos, enquadradas nos espaços funcionais da arquitetura

ra contemporânea, ao mesmo tempo em que estão virtualmente conectadas com o mundo via internet (MEINERZ, 2008, p.15).

No ensaio “O narrador”, em 1936, o Senhor W. aponta a decadência da arte de narrar, afirmando ser uma expressão da pobreza da experiência. O autor afirma que a antiga arte de narração vai sendo gradualmente substituída por outras formas de literatura, como o romance e a informação jornalística. Quanto a essa questão da experiência, o Senhor W. se pergunta: “que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas de geração em geração?” (Benjamin, 1936, p.114).

É incrível como o livro da Svetlana trata desse silêncio, daquilo que é impossível ser dito sobre algo tão cruel como a guerra, a violência, a fome. O que é possível narrar? O Senhor W. afirmou que os combatentes voltavam mais pobres em experiências comunicáveis, pois se tratava de experiências desmoralizadoras. Um italiano, com quem é quase impossível dialogar neste momento, diz que não é só a grande catástrofe que provoca esse silenciamento, mas também o cotidiano (AGAMBEN, 2005). O Senhor W. relatou que os remanescentes da Primeira Guerra Mundial se viram abandonados em uma paisagem diferente de tudo. Fico imaginando sobre o que ele escreveria se tivesse sobrevivido à Segunda Guerra Mundial. Lembro-me de Primo Levi, que não se considerava escritor, mas que foi pegando hábito de escritor. O que diria o Senhor W. se ele tivesse tido contato com materiais como os relatos que Svetlana faz emergir em seu livro?

Deleuze (um daqueles franceses de quem lhe falei) escreve que a “saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta” (2011, p.14). É função fabuladora inventar um povo. O autor aponta a constituição de um povo menor, eternamente menor, tomado em um devir-revolucionário.

Fim último da literatura: pôr em evidência no delírio essa criação de uma saúde, ou essa invenção de um povo, isto é, uma possibilidade de vida. Escrever por este povo que falta... (“por” significa “em intenção de” e não “em lugar de”). (DELEUZE, 2011, p.16).

Penso se há como fazer conversar as ideias que o Senhor W. aponta em seus trabalhos sobre experiência e narrativas com o conceito de literatura menor. O narrador de Walter parece um sujeito que faria um uso menor da língua maior, a partir dessa experiência que pode ser passada de geração em geração. Mas eu posso estar para lá de equivocada. Não sei o que o senhor pensa sobre isso. Fico pensando no processo de escuta, escrita e visibilidade que a Svetlana produziu no livro sobre as mulheres que combateram na Segunda Guerra. Seria uma literatura menor, penso eu. O que o senhor pensa? “Uma literatura menor não segue uma linha reta que vai do conteúdo à expressão – mas começa por enunciar – a palavra não é a da ordem de algo que se vê, mas que se inventa, que antecipa a matéria.” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p.28).

E assim, tendo a criar coragem para afirmar as cartas produzidas na pesquisa que tenho feito como uma literatura menor, um agenciamento coletivo, com potencial desterritorializador importante. Requisitos postos por Deleuze e Guattari, no livro *Kafka por uma literatura menor*. O menor já não qualificando mais certas literaturas, “mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida).” (DELEUZE; GUATTARI, 2015, p.39). Flerto com um conceito nebuloso para mim. Talvez, ao longo das cartas, com a junção das histórias e escritas que foram se compondo a partir de um pedido de pesquisa, seja possível perceber a força do que se produziu... Um exercício menor da escrita acadêmica; escrita aproximando-se da oralidade em cartas, e não mais capítulos... Nem domar, nem decepar, e sim abrir brechas para a passagem da potência da língua selvagem de trabalhadores, crianças, adolescentes que constroem conhecimento quanto ao cuidado em

serviços de abrigo. Em tempos de ocupações e resistência, aproximar a academia das vidas que se constituem a partir de um dispositivo da Política de Assistência Social. Escrevo com figuras que costumam ser objetos de pesquisa, medidos, explicados e avaliados.

Fico tímida, tentando me aproximar de temas como esse. Creio que precisaremos conversar melhor sobre essa questão. Fico à disposição para realizar maiores pesquisas, pois, se o senhor ficar tão confuso quanto eu estou, precisaremos de outras parcerias de conversa. Como podemos ir abandonando o apego aos conceitos e definições e ir construindo possibilidades com a escrita...

Abraços,
Bruna

Carta 5- Como finalizar uma coleção de cartas?

Querida moça das cartas,

Devo-te alguns esclarecimentos desde a última correspondência, principalmente com tua paciência em me “ouvir” (ler). Estou em dívida e assumo a responsabilidade. Minha última carta foi de certa erudição, com uso excessivo de autores e citações. Sei que não tens apreço por isso. Sigo insistindo nestas cartas com autores e citações e compartilhando-as com outras pessoas. E tu, pacientemente, segues me perguntando como faço, como as pessoas reagem, queres saber as histórias e que cartas estou juntando (e, volta e meia, aumentas a minha coleção pessoal de cartas). A última que enviaste me fez bastante contente. Teu tempo é o da experiência, e isso me faz lembrar do Senhor Jorge Larrosa (2015), de quem copio o trecho a seguir, que gostaria de compartilhar contigo.

A experiência requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar,

olhar mais devagar, escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (p.24).

Penso as cartas como pequenos objetos que ajudam a compor mundos e a entender como se constituem práticas de cuidado. Cartas implicadas na produção de um comum e de um tempo do cuidar. Cartas como um convite a pensarmos metodologias de pesquisa que acolham o outro como pesquisador que também produz conhecimento. Um formato tido como antiquado, quase em extinção, mas que vem ganhando sobrevida em alguns espaços, por sua forma delicada e pessoal. Flusser (2010) afirma que “reconheceremos o que teremos perdido com a folha de papel chamada ‘carta’: uma das últimas aberturas por meio das quais podíamos ter esperança de reconhecer o outro.” (p. 169).

Para pensar em cartas como ferramentas de intervenção que compõem uma cartografia para se transformarem em cartografia, preciso cuidar do tempo, da dimensão da memória, da duração. Tenho tido conversas aproximativas com Henri Bergson, para quem o tempo e a memória surgem como preocupação. Uma aproximação ainda incipiente, mas que me faz pensar na escrita epistolar como política de escrita do/pelo cuidado.

No mestrado, cartografar práticas de cuidado em um serviço de acolhimento institucional só foi possível quando carreguei comigo as cartas; envelopes coloridos que contavam minhas experiências de trabalho em um abrigo, minhas expectativas de pesquisa, questões que eu ia me fazendo e que desejava compartilhar com aquelas/es que estavam no campo que escolhi pesquisar. Nas cartas que escrevi, solicitei que elas/es pudessem também contar suas experiências e memórias de cuidado, que questionassem a pesquisa e minhas expectativas.

Sempre um convite, um desejo de encontro com o outro, correndo o risco de tu revirares os olhos; lembro-me de mais um trecho do texto do Jorge Larrosa, em que ele fala do sujeito da experiência. Não há como pensar em cartas sem pensar nesse sujeito, que não é mais objeto de pesquisa, mas ocupa também lugar de cartógrafo: escrevendo, indagando, propondo...

[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. (LARROSA, 2015, p. 24).

Tu me perguntaste o que compõe uma cartografia. Confesso que iniciei um esboço de resposta. Agora, finalizando esta pequena coleção-de-cartas-capítulo-de-livro, te respondo mais livremente. Para uma cartografia, precisamos de uma língua que dê vazão aos afetos, como Sueli (2011) apropriadamente nos ensina; precisamos de um desapego de certas normas cultas/acadêmicas; um apreço pela estética da delicadeza, que tão bem nos explica Gusmão (2009); um cuidado com as relações; precisamos apostar nas práticas de pesquisa como práticas de cuidado; investir em uma política de escrita epistolar de fato (e não em arremedos de carta que, na verdade, são capítulos formais); tratar com apreço as cartas e não usá-las selvagememente; cuidar em não interpretar as cartas recebidas ou encontradas. Enfim, para uma cartografia, a/o pesquisadora deve entender como se constitui uma cartografia, inicialmente, e como colocar em jogo (quase como em uma brincadeira de criança) uma escrita preocupada com o diálogo. Tenho tido encontros (professora Gislei Lazzarotto e a autora Carla Cristina Garcia) que têm me feito pensar em receitas e em contação de histórias – e em como essas são práticas femininas e potentes de

invenção de mundos. Práticas subjugadas por uma determinada produção de conhecimento legitimada como hegemônica. Esses encontros têm me feito pensar nas cartas e nas histórias que são possíveis com envelopes e papéis. Em tempos da supremacia da informação e de uma escrita acadêmica mensurada em *qualis*, sigo pesquisando as cartas e com cartas, em busca de uma gramática própria para a pesquisa acadêmica. Uma gramática que está intimamente ligada à metodologia.

Não sei bem como terminar esta última carta, que finalizará uma coleção-capítulo-de-livro que tem como objetivo contar minha experiência com cartas e pesquisa. Para finalizar, segue um pequeno recorte que fiz de um texto de Gilles Deleuze e que “justifica” a escolha de fragmentar o capítulo de livros que compus juntamente com minha orientadora, com cartas: “os fragmentos são grãos, ‘granulações’. Selecionar os casos singulares e as cenas menores é mais importante que qualquer consideração de conjunto”. (2011, p.78).

Termino por aqui, com votos de que logo tu voltes a me escrever. Sinto falta de teus envelopes coloridos e cartas apressadas.

Abraço,
Bruna

Referências

- AGAMBEN, G. *Infância e História: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2005.
- ALEKSIÉVITCH, S. *Vozes de Tchernóbil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2016a.
- ALEKSIÉVITCH, S. *A guerra não tem rosto de mulher*. São Paulo: Companhia das Letras. 2016b.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II - Rua de Mão Única*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987a.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987b.
- COSTA, L. B. da. *Estratégias Biográficas: o biografema com Barthes, Deleuze, Nietzsche, Henry Miller*. Porto Alegre: Sulina. 2011.
- DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34. 2011.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo, SP: Editora 34. 2013.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. 2015.
- DESPRET, V. Vinciane Despret comenta as apresentações de Márcia Moraes e Ronald Arendt. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v.6, n. 2, p. 187-188, 2011. Disponível em: http://seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/viewFile/516/480. Acesso em: 11.ago.2019.
- DESPRET, V. Leitura etnopsicológica do segredo. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.23, n.1, p. 5-28, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922011000100002. Acesso em: 11.ago.2019.
- FLUSSER, V. *A escrita - Há futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume. 2010.
- FOUCAULT, M. A Escrita de Si. In: MOTTA, M. B. (org.). *Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2012. p. 141-157.

GOMES, M. P. C.; MERHY, E. E. *Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental*. Porto Alegre: Rede UNIDA. 2014.

GUERRA FILHO, R. R. *FLORianópolisNOSãojosédosCAMPOS*. Na mala, autobiografemas: sonoro, imagético e verbal. 2016. Tese (Doutorado em Educação) –Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GUENTHER, K. M. The politics of names: rethinking the methodological and ethical significance of naming people, organizations, and place. *Qualitative Research*, v. 9, 411. 2009.

GUSMÃO, D. S. *Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários*. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.

LINS, D. A escrita rizomática. *Revista Polichinello*, s/n, s/p. 2009.

PINTO, J. P.; SANTOS, K. C. Dos; VERAS, V. Como domar uma língua selvagem– ANZALDUÁ, G. (trad.). *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Difusão da língua portuguesa*, v.39, p.297-309. 2009.

MENESES, M. P. *Outras vozes existem, outras histórias são possíveis*. Diálogos sobre Diálogos. Niterói: Grupalfa, UFF. 2008.

MEINERZ, A. *Concepção de experiência em Walter Benjamin*. 2008. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

LARROSA, J. B. *Tremores*. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora. 2015.

SOUZA, G. *Tecelina*. Porto Alegre: Editora Projecto. 2007.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina. 2011.